

“O Tibete que eu contemplo”: Sonam Tsomo Chashutsang em três poemas

Telma Franco Diniz

Resumo: Este artigo apresenta brevemente ao público brasileiro a jovem poeta tibetana Sonam Tsomo Chashutsang, por meio da tradução de três de seus poemas escritos originalmente em inglês. Além de discutir a tradução de termos culturalmente marcados na língua de chegada, este artigo também reflete sobre a condição de exílio forçado e a resultante crise de identidade entre aqueles nascidos e criados no exílio.

Palavras-chave: Sonam Tsomo Chashutsang; migração forçada; leitura partitural do poema; vestido tibetano; montanhas nevadas; bardo.

Abstract: This paper briefly introduces to the Brazilian public the young Tibetan poet Sonam Tsomo Chashutsang through the translation of three of her poems originally written in English. Besides discussing the translation of culturally flavored words in Brazilian Portuguese, this article also deliberates on the situation of forced exile and the resultant identity crisis among those born and raised in exile.

Keywords: Sonam Tsomo Chashutsang; forced migration; reading of the poem as sheet music; Tibetan dress; Snowy mountains; bardo



Introdução

I am a modern nomad, wandering not by choice;

I have no home.

[Sonam Tsomo Chashutsang, em “Homeless”]

Migrar é muitas vezes um movimento opcional que envolve recomeço, busca, descoberta, esperança. No entanto, migra-se também para escapar, proteger, salvar, sobreviver, resistir, preservar, esquecer, fugir... Fugir para se libertar de um ambiente doentio ou claramente hostil a seu pensamento, a seu ser, ou a seu modo de ser, de viver. Especialmente quando as forças que se opõem àquilo que você é ou quer ser são tão desproporcionais que não lhe permitem ser. Migrar deixa, assim, de ser um movimento opcional, já que a opção ‘não migrar’ pode ser o aniquilamento.

Sobre a poeta

Os pais de Sonam Tsomo Chashutsang eram nômades, provenientes de um dos povos originários perseguidos pela ocupação chinesa no Tibete, quando dali partiram para buscar refúgio na Índia. Fixaram-se então na montanhosa província de Himachal Pradesh, na parte ocidental do Himalaia, “morada da neve”, no vilarejo de Bir, que dista cerca de 50 km de Dharamsala, norte da Índia, de onde, desde 1959, o líder espiritual Tenzin Gyatso, o 14º Dalai Lama, preside o Governo Tibetano no Exílio.

Hoje, a população de Bir é formada majoritariamente por famílias de agricultores indianos e por famílias de exilados tibetanos que ali encontraram abrigo com o estabelecimento, em 1966, de uma colônia tibetana fundada pelo lama Neten Chokling, também ele um refugiado. Foi em Bir que Sonam Tsomo passou a infância, estudou os primeiros anos, e aprendeu hindi e inglês, além do tibetano, língua dos pais. Sua mãe costumava lhe contar histórias da infância bucólica que ela própria tivera no Tibete, a pastorear iaques, e a cantar para as montanhas e para os rios de águas cristalinas, onde, ainda menina, via a própria imagem refletida e se sentia em segurança. A cena é descrita por Sonam Tsomo Chashutsang (2019) no poema “Homeless”, publicado em 2019 na *Newtown Literary Magazine*, Nova York, onde a poeta vive hoje.

Cada meada dos tapetes tecidos por sua mãe no exílio narra uma história do Tibete: histórias de sobrevivência e de sonhos fugidios, de “uma batalha sem tréguas, no íntimo de cada um” (CHASHUTSANG, 2019, p. 68, tradução nossa). O Tibete que Sonam contempla é principalmente o Tibete construído pelos afetos¹, narrado na voz dos pais e dos amigos dos pais, ou dos antigos vizinhos, na colônia onde ela cresceu.

“Somos uma tribo errante de peregrinos, irmãos dispersos, jovens perdidos, expatriados relutantes, vítimas de circunstâncias tanto impensáveis quanto propícias”² – é como a escritora de ascendência somali Jamile Osman (2020, p. 21) descreve o sentimento daqueles que foram forçados a se exilar – de certa forma ecoando as palavras de Sonam Tsomo. Entre refugiados e filhos de refugiados há um recorrente sentimento de deslocamento, de estar paradoxalmente confinado

1 Whatever little bit I know of Tibet, at least the Tibet I envisioned, is through their stories! (CHASHUTSANG, 2020)

2 We are a roving tribe of wanderers, scattered siblings, lost youth, reluctant expatriates, victims of impossible and auspicious circumstances” (OSMAN, 2020, p. 21, tradução nossa)

num entre-lugar: entre cidades, países, continentes. Como se a fuga empreendida pelos pais continuasse a imprimir sua itinerância na geração posterior, também ela em constante busca de um lugar que sinta como seu: “Sou uma nômade moderna, vagando não por escolha; eu não tenho lar” (CHASHUTSANG, 2019, p. 68), são palavras de Sonam, traduzidas da epígrafe deste artigo.

Para Nicole Chung e Mensah Demary (2020), “Migrar não é uma história sobre leis e fronteiras, mas sobre *peessoas* – indivíduos, famílias, comunidades [...] É uma experiência que *atravessa* fronteiras e gerações³.” Ao atravessar fronteiras, gerações de refugiados vivenciam a fronteira em si mesmos, construindo sua história também sobre perdas e ruínas.

Em *Reflexões sobre o exílio*, Edward Said confidencia que o exilado experimenta para sempre “a dor mutiladora da separação”: para Said, o exílio “é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal” (SAID, 2003, p. 46). Mesmo não tendo nascido no Tibete, “o lugar natal” de Sonam Tsomo é o Tibete ao qual ela aprendeu a pertencer, e no qual ela se vê – o lugar amado, cultivado pelas histórias ouvidas na infância. Ao se dirigir ao país adotivo, Sonam diz, em “Homeless”: “Quero te chamar de lar, mas você não é o lar que li e ouvi nas histórias que minha mãe contava [...] Eu não canto para suas montanhas e rios, e ver meu reflexo só me deixa mais confusa sobre quem sou eu como pessoa, cidadã e tibetana”. (CHASHUTSANG, 2019, p. 69, tradução nossa).

Na Índia, Sonam Tsomo estudou na faculdade Sarah College, em Dharamsala, fundada em 1973 pelo Dalai Lama e pelo monge Gen Lobsang Gyatso. Lá, ela cursou Pedagogia, além de Gramática, Filosofia, Poesia e História Tibetanas, dentro do programa ‘Estudos Tibetanos’. Ainda quando era estudante na Sarah College, Sonam Tsomo ganhou uma bolsa de estudos da Universidade de Miami, Ohio, e se mudou para os Estados Unidos, onde se graduou em Escrita Criativa e Comunicação.

Sonam tem hoje mais de 800 textos redigidos em seu celular, que aos poucos burila e ajusta. A inspiração pode vir de um cheiro, uma música, um verso, uma ideia, algum fato que tenha revolvido suas lembranças. Ela então simplesmente põe-se a escrever, deixando que os poemas tomem forma no decorrer da escrita:

3 Immigration is not, ultimately, the story of laws and borders, but of *people* – of individuals, families, and communities [...] Migration is an experience that crosses borders and generations. (CHUNG; DEMARY, 2020, tradução e grifo nossos)

Eu não me preparo para escrever. Deixo que os poemas cheguem, organicamente, por si mesmos. Mais tarde volto a eles e faço um ajuste aqui, outro acolá. Mas não faço muitas alterações, porque quero manter aquele sentimento bruto, do instante em que comecei a escrever ou compor o poema⁴. (CHASHUTSANG, 2020, tradução nossa)

Uma das jovens vozes em ascensão na literatura tibetana contemporânea, Sonam tem sido convidada a ler seus poemas e participar de eventos promovidos por escritores tibetanos no exílio, como a iniciativa *To Nepal with Love*, de 2015, no Rubin Museum of Art, em Nova York, para homenagear e arrecadar fundos para as vítimas do terremoto que devastara o Nepal, em abril daquele ano; ou o seminário sobre literatura tibetana *Writing Sacred Lhasa*, realizado também no Rubin Museum, em 2016; ou a campanha #TibetanWomenPoets, veiculada no começo de 2020 pela página *High Peaks Pure Earth (Instagram Takeover)*, em que Sonam participou divulgando um pouco de seu trabalho, seus autores favoritos, e sua rotina em casa. A poeta escreve em tibetano, hindi e inglês, e é colunista do site *Khabdha*, uma prestigiosa revista online de literatura tibetana. Além da *Newtown Literary*, seus poemas também já foram publicados no site *Tibet Writes*, e no seu blog *Bardo*.

No budismo tibetano, *bardo* é o estado intermediário em que a consciência se encontra entre duas vidas terrenas, e que compreende um período de 49 dias (7 vezes 7 dias), contados a partir da morte física do corpo e seu próximo renascimento. Nesse estado intermediário entre duas existências, quando a consciência não está conectada a nenhum corpo, o ser experimenta uma grande variedade de fenômenos que podem flutuar entre uma intensa experiência transcendente, com um vívido insight da realidade, e terríveis alucinações, advindas de impulsos oriundos de ações impensadas ou insensíveis do passado. Para os seres preparados, o *bardo* pode significar uma oportunidade de libertação, enquanto para aqueles não preparados, pode oferecer um grande perigo, uma vez que alucinações podem impeli-los a um renascimento inferior ao que seria desejável. Em vista disso, no período transicional entre morte e renascimento, ou quando a morte é iminente, budistas recitam leituras do *Livro Tibetano dos Mortos* também conhecido como “Libertação pela escuta” [*Liberation through hearing*], para serenar a consciência do ente querido e auxiliá-lo a um renascimento favorável (STEFON, online).

4 I don't prepare for it, I let it come organically on its own. I would later go back and tweak here or there. I do work on it after its initial stage, but I don't change much because I want to keep the feelings raw when I first started writing or composing the poem. (CHASHUTSANG, 2020, tradução nossa)

Conta-se em 49 o número de poemas que Sonam escreveu para a mãe durante os 49 dias imediatos à morte dela, e que ela publicará proximamente:

Acho que os poemas sobre minha mãe foram os mais difíceis de escrever, mas também os mais gratificantes, porque por meio das palavras posso manter minha mãe viva, e senti-la bem perto de mim⁵. (CHASHUTSANG, 2020, tradução nossa)

Simbólica ou metaforicamente, o conceito de *bardo* pode ser ampliado para qualquer momento em que a existência se encontra em suspensão, como um período de doença, pandemia, ou de retiro espiritual para meditação, por exemplo. Indo mais fundo, segundo Francesca Fremantle, “Bardo pode ser qualquer experiência transicional, qualquer estado que repousa entre dois outros estados [...] Assim, o instante presente, o agora, é um bardo contínuo, eternamente suspenso entre o passado e o futuro”⁶ (FREMANTLE, 2001, p. 53):

Bardo pode ter várias implicações, dependendo de como é visto: é um intervalo, um hiato, uma lacuna. E pode agir como fronteira que divide e separa, marcando o fim de uma coisa e o começo de outra, mas também pode ser um elo entre ambos – e servir como ponte ou um ponto de encontro que aproxima e une.

De certa forma, o exílio poderia ser um tipo de *bardo*, um estado intermediário e temporário, se o exílio fosse, de fato, temporário, com o potencial de, uma vez finda a transição, dar lugar a um renascimento. Por ora, uma simbólica nova existência é algo que Sonam tem alcançado através da escrita:

Eu escrevo porque a escrita me permite reviver aqueles momentos – amargos ou doces, que eu não mudaria em nada, por motivo algum – eu sou o que sou hoje porque passei por todas aquelas experiências – e sou feliz por isso! A vida segue em frente, e eu quero seguir em frente com ela, de braços abertos, aceitando tudo o que surgir no meu caminho, de bom ou de ruim – eu sou grãças a todas as escolhas que fiz; a vida nunca deixa de

5 I think poems about my mother were the hardest but also the most rewarding because through words, I am able to keep her alive, and often feel her very close to me. (CHASHUTSANG, 2020)

6 [Bardo] can also be interpreted as any transitional experience, any state that lies between two other states [...] The present moment, the now, is a continual bardo, always suspended between the past and the future” (FREMANTLE, 2001, p. 53)

nos surpreender, então tome-a como ela se lhe apresenta e assim você não guardará nenhuma expectativa – e nenhuma desilusão⁷! (CHASHUTSANG, 2020, tradução nossa)

Sobre a tradução dos poemas

Sonom Tsomo escreve com simplicidade e graça, como se, ao falar, trouxesse as mãos em concha, entreabertas, para nos mostrar o passarinho buliçoso e de olhos brilhantes que pulsa entre seus dedos, e que de repente, vupt, alça voo e foge para um lugar remoto, de sonhos. Seus poemas têm profunda ressonância pessoal, mas guardam aquele apelo coletivo que nos faz sentir como se aquela fosse nossa história também. Eles nos encantam tanto pelas imagens que vão imprimindo em nossa mente, quanto por sua capacidade de transformar um tema aparentemente corriqueiro em uma nova reflexão ou descoberta.

Os poemas ora apresentados foram escritos em versos livres, sem forma fixa, rimas ou metrificacão. Mas cada qual se distingue por sua própria cadência e ritmo, além de outros elementos poéticos, para os quais se presumem correspondentes na tradução. Como identificá-los? Nisso talvez possam nos ajudar as reflexões de Haroldo de Campos: segundo ele, para ter acesso “à intrincada teia de som e sentido que percorre o texto [poético] como um todo”, a tradutora ou o tradutor deveria submeter o poema de partida a uma “leitura partitural própria da tradução radicalmente criativa” (CAMPOS, 2008, p. 184). Se um poema é passível de ser lido como partitura, estará aberto a ser interpretado singularmente por cada tradutor que se dignar traduzi-lo, a realizá-lo ou performá-lo em outra língua; em havendo múltiplas leituras com sutis (ou substanciais) diferenças entre si, ainda assim o registro-partitura estaria no poema entretecido.

Seja por intuição, ou para encontrar a partitura, leio várias vezes o poema a ser traduzido, em silêncio e em voz alta, na tentativa de incorporar seu ritmo ou cadência, sua textura ou musicalidade. O movimento de me aproximar da frase melódica ao pronunciá-la em voz alta, porém, nem sempre ameniza os impasses

7 I write because it let me relive those moments- bitter or sweet, something I wouldn't change anything for any reasons - because where I am now in life, it's because I went through all those experiences - and I am glad I did! Life moves on and I want to move on along with it with open arms, accepting everything that comes my way, good or bad – I am, because of all the choices I made and life never cease to surprise you, so take life as it is so that you will be left with no expectations – and no disappointments! (CHASHUTSANG, 2020)

de tradução, e a mera decisão entre antepor ou pospor um adjetivo pode causar hesitação. Tome, por exemplo, o início do poema “A barred blessing”: “In the cold snowy mountains/ in Tibet/ her nomad parents/ named her Tenzin/ a privilege worth risking it all”. O primeiro verso, com seus acentos graves nas vogais “o”, parece remeter a um suave sobe e desce por colinas cobertas de neve aveludada: “côld snôwy môuntains”. Logo a seguir, no segundo verso, a linha melódica galga um pico repentino, com acento agudo na vogal “e”: “in Tibét”, o que parece mimetizar a geografia local, com o Evereste ao fundo. Já as traduções para “cold” em português quebram a ideia de colinas aveludadas, seja pela inserção da vogal “i” (frias) ou de acentos agudos (gélidas), quando não as duas coisas (frígidas), tornando o sobe e desce mais vertiginoso e o frio mais cortante. Aliás, já se sabe que há neve nas montanhas – com isso em mente, será que, em nome da melodia, a tradutora não poderia omitir a qualificação ‘cold’, deixando implícito que as montanhas são ‘frias’, ‘gélidas’, ‘glaciais’ ou frígidas?

Num país de raros invernos, a escolha de expressões relativas à neve também pode demandar reflexão: traduzir ‘snowy mountains’ por ‘montanhas nevadas’ soa incomum e estrangeirizante, enquanto ‘montanhas cobertas de neve’ soa mais corriqueiro e doméstico. Por considerar que a palavra ‘cobertas’, com sua oclusiva ‘co’, de certa forma reproduz o ‘co’ do ‘cold’, de vogal grave e macia, a tradutora cogita, por breves instantes, adotá-la para este verso em particular, com o argumento de que assim se manteria mais próxima à partitura e/ou geografia da linha melódica fonte.

Não são poucos os dilemas que assombram tradutoras e tradutores no exercício do ofício. Alguns de nós costumamos deixar os poemas traduzidos numa espécie de gaveta-nuvem de depuração, antes de dá-los por terminados. Foi o caso de todos os poemas aqui, em especial o poema “Uma bênção interdita” que termina com “A privilege still/, but one taken for granted”. Esses dois versos sofreram várias transmutações durante o período de depuração. Registrei, por exemplo, “É ainda um privilégio,/ mas visto como a coisa mais natural do mundo” que, embora correto, expandia demasiado a frase melódica; e também “Ainda um privilégio,/ visto, contudo, sem a dimensão devida”, descartado rapidamente pela explicitação e fealdade.

No poema “Se eu pudesse te ver outra vez”, além de buscar a cadência e o tom que julguei mais apropriados, me debati com o nome do tradicional vestido tibetano, usado pela mãe do eu lírico. No poema fonte, também escrito em inglês, o nome do vestido foi mantido em tibetano, *chupa*, cuja pronúncia se assemelha às provocações vociferadas por torcidas adversárias em campeonatos no Brasil.

Para evitar que a fúria dos jogos invadissem a leitura de um poema tão delicado em natureza e temática, optei por usar a grafia alternativa para mencionar o vestido: *chuba*. Assim, o leitor encontrará a grafia *chuþa* no original inglês e *chuba* na versão em português, ambas referentes ao mesmo vestido. Além disso, ao traduzir “belt” no verso “I tighten the belt around the waist”, preferi usar “faixa” em lugar de “cinto” para evitar ecos indesejáveis com o verbo “sentir” [to feel] do verso seguinte “to feel her tight hug”, dando destaque, então, à desejável analogia entre a ‘faixa apertada na cintura’ e o abraço materno imaginário.

Em “A flor desconhecida”, a poeta nos faz ver o quanto alguns pequenos gestos, aparentemente banais, são a superfície visível de sentimentos profundos. Nesse poema, embora eu tenha cogitado usar “seixos” como tradução de “pebbles”, acabei me rendendo à simplicidade de “pedrinhas”, não só porque é mais coloquial, mas também porque sonoramente se aproxima do original por começar com a mesma consoante oclusiva /p/.

Sem mais delongas, os poemas de Sonam Tsono Chashutsang:

Uma bênção interdita

Nas frias montanhas nevadas
do Tibete
seus pais nômades
deram-lhe o nome de Tenzin –
Um privilégio à altura do risco.

A pequena Tenzin cresce
sem saber o significado que seu nome carrega,
ao passo que o olhar de seus pais sobre ela
é de incontida fé e esperança

Seus pais respeitam e veneram
uma foto pequenina e desbotada, escondida numa trinca da parede.
E Tenzin é lembrada
de que seu nome é uma bênção interdita.

Para seus pais,
isso é o mais próximo que eles jamais chegarão do Dalai Lama.
Eles somente a chamam pelo nome
quando dentro dos limites seguros do lar.

Entretanto aqui, longe do Tibete,
meu amigo Tenzin se queixa
que existem muitos dele por aí.
É ainda um privilégio,
porém tomado como líquido e certo.

A barred blessing

In the cold snowy mountains
in Tibet
her nomad parents
named her Tenzin
a privilege worth risking it all.

Little Tenzin grows up
without knowing the meaning her name holds
while her parents always look at her
with unflinching faith and hope.

Her parents revere and worship
the tiny weathered picture hidden inside the crack in the wall.
Tenzin is reminded
her name is a barred blessing.

For her parents,
this is the closest they can get to the Dalai Lama.
They would only call her by her name
within the safe confines of their home.

Yet here far from Tibet
my friend Tenzin complains
there are too many of him
A privilege still
but one taken for granted.

Se eu pudesse te ver outra vez*

Deitada, choro abraçada ao *chuba* que minha Mãe usava
e que hoje repousa sobre minha cama.
Enxugo as lágrimas
e o visto.
Eu me torno minha Mãe.
O *chuba* fica curto pra mim,
mas serve em todos os lugares
que um dia eu chamei de lar.
É minha Mãe que eu estou vestindo.
É o cheiro dela que eu sinto,
o cheiro do incenso de suas manhãs,
entranhado nas camadas de tecido do seu *chuba*.
Sua presença se torna cada vez mais forte
à medida que desdobro, uma por uma, as camadas do seu *chuba*.
Aperto a faixa na minha cintura
e sinto seu abraço apertado.

Eu me tornei minha Mãe agora
e uso seu creme favorito – Boroline –
e seu sabonete favorito – Liril –
para lavar antigas feridas e futuras mágoas.
Limpo a poeira das folhas,
rego as plantas e enxáguo as pedrinhas que recolhi na caminhada.
Sigo seus rituais
para poder ser ela.
Eu
sou minha própria Mãe.

*O título faz referência à peça de piano que atçou os sentimentos desvelados neste poema: "If I could see you again", do compositor Yiruma.

Chuba: tradicional vestido tibetano que desce ao tornozelo, e é amarrado à cintura por uma longa faixa. A parte de cima se torna um bolso que guarda de tudo: de dinheiro a tigelas de comida.

If I could see you again*

I lay in bed crying and holding onto my Mother's *chupa*
which always sits on my bed.
I wipe off the tears
and put on her *chupa*,
I become my Mother.
The *chupa* is short on me yet
it fits in all the right places
that once I called home.
But it is my Mother I am wearing.
It still smells of her,
the smell of morning incense scents
buried in the layers of sleeves of my mother's *chupa*.
I feel her presence ever so strongly
while unfolding each layer of the sleeves of the *chupa*.
I tighten the belt around the waist
to feel her tight hug.

I have become my Mother now
putting on her favorite cream – Boroline –
using her favorite soap – Liril –
to wash away past hurt and future heartaches.
I wipe the dust off the leaves,
water the plants and wash the pebbles I collected from my hiking trip.
I follow her rituals
so I could be her.
I
am my own Mother.

*The title is eponymously named after Yiruma's piano piece which spurred the emotions of this poem.

Chupa: Tibetan traditional dress, a chupa is ankle-length robe that is bound around the waist by a long sash. Its upper portion becomes a large pocket for everything, from money to bowls.

A flor desconhecida

Minha mãe me pediu para não mencionar o nome do meu pai,
agora que ele deixou este mundo.
Vai perturbar a paz dele,
ela soluçou, com voz entrecortada.

O velho monge profetizou
que meu pai renasceu como uma flor rara
em algum campo remoto do Tibete.
Desde então,
minha mãe passou a cuidar do nosso pequeno jardim.

Ela recolhe pedrinhas brancas quando viaja
e depois as coloca no vaso de flores
como se assim as protegesse das intempéries.
E eu me pergunto se seus rituais teriam como
proteger meu pai que agora é uma flor.

Nunca vi meus pais de mãos dadas,
ou compartilhando um momento de carinho.
Mas agora eu sei que
sentimentos podem apenas ser sentidos. Não vistos.

The unknown flower

My mother told me not to call my father's name
now that he has left this world.
It will disturb his peace,
she gasped with a broken voice.

The old monk prophesized
Father has now been reborn as a rare flower
in some abandoned field in Tibet.
And since then,
my mother started to take care of our little garden.

She collects the little white pebbles when she travels
and puts them in the flower pot
as if protecting them from the elements.
I wonder if her ritualism could possibly
protect my father who is now a flower.

I never saw my parents holding hands, or sharing
any intimate moments,
but now I know that
feelings can only be felt, and not seen.

Agradecimento

A autora agradece a poeta Sonam Tsomo Chashutsang pelas amáveis respostas às suas incontáveis perguntas durante a redação deste artigo. Thank you so much, Sonam!

Referências bibliográficas

- CAMPOS, Haroldo de. *Deus e o Diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- CHASHUTSANG, Sonam Tsomo. Homeless. *Newtown Literary Magazine*. Issue 15. Fall/Winter, 2019. Nova York: Newtown Literary Alliance, 2019.
- CHASHUTSANG, Sonam Tsomo. *A few questions* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <telmafranco@hotmail.com> em 27 set. 2020.
- CHASHUTSANG, Sonam Tsomo. Poetry. In: *Tibet Writes*. Disponível em <https://www.tibetwrites.in/authors/sonam-tsomo/>
- CHUNG, Nicole; DEMARY, Mensah. Introduction. In: CHUNG; DEMARY (org.) *A map is only one story*. Nova York: Catapult, 2020.
- FREMANTLE, Francesca. *Luminous Emptiness: A guide to the Tibetan Book of the Dead*. Boston: Shambala Publications, 2001.
- NEW World Encyclopedia. *Tibetan Book of the Dead*. Disponível em https://www.newworldencyclopedia.org/entry/Tibetan_Book_of_the_Dead#Background
- OSMAN, Jamile. “A Map of Lost Things”. In: CHUNG; DEMARY (org.) *A map is only one story*. Nova York: Catapult, 2020.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- STEFON, Matt. *Bardo Thödol: Tibetan Buddhist Text*. Encyclopaedia Britannica. Disponível em <https://www.britannica.com/topic/Bardo-Thodol>.

Telma Franco Diniz é doutora em Estudos da Tradução (USP/ 2018), com estágio no Centro de Estudos de Literatura Infantil [Children’s Literature Research Centre] da Faculdade de Educação de Cambridge, Inglaterra. É mestre em Estudos da Tradução (UFSC/ 2012) e tem especialização em Tradução Literária (USP/ 2005), atuando principalmente com poesia e literatura infantil. É também editora e mediadora de literatura via Pensar Alto em Grupo. Consultora literária do selo editorial Lexikos Bambini.